NINGUÉM LEMBRA

Aquela música não saía da cabeça, da minha e da de todo mundo, estava tocando em todos os lugares, estava na cabeça de todo mundo, com o tempo, passou a tocar menos, cada vez menos, hoje não lembro nem um pedacinho, ninguém lembra, ninguém lembra e ninguém conseguia esquecer.

PENSAMENTO ESSENCIALMENTE FILOSÓFICO

Pensava, naquela época, que eu não era filósofo, mas meu pensamento era essencialmente filosófico.

O único filósofo que conheci pessoalmente, se é que se chama de Filósofo, um doutor em filosofia, assim como chamamos médico um doutor em medicina, que me ouviu dizer isso, riu e respondeu que ou eu não sabia o que estava falando, ou estava escolhendo as palavras erradas pra falar o que queria, disse que eu não sabia o que é “essência”, não sabia o que é “Filosofia” e também não sabia o que é “pensamento”.

Argumentei em favor do que tinha dito relembrando pensamentos meus muito antigos, pensamentos que tinham percorrido minha mente quando eu ainda era muito criança, muito criança mesmo, da época daquelas lembranças mais antigas que temos, onde o pensamento se divide entre o que a gente tem na lembrança e o que a gente não alcança lembrar.

Quando tinha muito pouca idade, “aprendi a desenhar”, queria ser desenhista porque minha mãe era desenhista e eu admirava aquilo, parecia uma mágica, naquela época tinha um programa na televisão, “Tia Gladis e Seus Bichinhos” onde a tia Gladis desenhava ao vivo enquanto contava história, desenhar era um poder mágico que algumas pessoas tinham e eu queria ter.

Sentava na privada pra cagar e por algum motivo que não sei qual, essa hora era um momento filosófico, era a hora de pensar. Em um momento desses, entendi que pra ser desenhista bastava enxergar “as linhas do mundo”, entendi, já com essa idade, que ser desenhista é, antes de saber desenhar, um jeito de ver.

Entendi que todas as coisas são delineadas, limitadas, contidas, separadas pelas linhas do mundo. Lembro que ia na janela do quarto andar, onde morava minha avó, olhava lá de cima a distância até o chão, ficava largando coisas da janela, acompanhando a trajetória e vendo-as se chocar no chão, forçando o limite entre as linhas do mundo.

Depois desse pensamento, não olhava mais pro mundo como antes, era o mesmo mundo, mas agora meu olho desenhava o mundo na imaginação, procurava o contorno das coisas, lembro que cheguei a desenhar alguns de meus primeiros desenhos de olho fechado, era eu com um lápis em frente à folha branca, parado de olho fechado, até fazer o desenho todo, ou boa parte dele, pra só depois abrir os olhos e passar pro papel o desenho que tinha desenhado na imaginação.

Os desenhistas sabem do que estou falando, ser desenhista é muito mais uma maneira de ver o mundo que a habilidade de desenhar, ou a habilidade de “passar o desenho pro papel”. Com o tempo, o próprio lápis vai aprendendo a desenhar e a gente não precisa mais perder esse tempo de imaginar de olhos fechados, é só soltar o lápis na folha branca que ele já lê o pensamento da gente e passa o que está na imaginação pro papel.

Esse pensamento mora em mim até hoje, mas foi mudando com o tempo, outra ideia de criança, essa já mais velho, que lembro, foi uma ideia da época da “alfabetização”, a alfabetização era uma etapa do ensino regular, anterior ao ensino básico, hoje não existe mais, a alfabetização vinha antes da primeira série. A professora deu uma aula que ficou gravada na minha cabeça até hoje, que saudade da Dona Devoni, ela contou a história dos números, de como eles apareceram no pensamento da humanidade, contou a história de um pastor que ainda não conhecia os números e por isso contava suas ovelhas separando pedrinhas, cada pedrinha equivalia a uma ovelha, dessa maneira ele podia saber se tinha alguma ovelha faltando, quando ela falou do sistema decimal, ficou tudo claro na minha mente, ela disse que a gente contava do zero ao o nove e depois repetia os números um e zero pra fazer o dez porque a gente tinha dez dedos e usava os dedos pra contar.

Nesse dia meu pensamento encontrou as linhas do mundo em tudo, até nas coisas abstratas, que tanto me intrigavam, as coisas abstratas eram diferentes, era difícil desenhar a fumaça que evaporava da panela, as linhas do mundo se dissolviam no ar e desapareciam, nessa época imaginei que se existisse Deus, ele tinha feito as nuvens de pincel.

Aquele pensamento de que usamos o sistema decimal porque temos 10 dedos foi o que faltava, a gente enxergava as linhas do mundo e desenhava as coisas, não porque o mundo fosse dividido em linhas, mas porque a gente era separado do mundo por uma casca, a gente e o mundo era um interno e externo, as coisas que existem eram as coisas de dentro e de fora da gente, é assim que agente pensa, porque é assim que a gente é. Agora não jogava mais objetos da janela do quarto andar, abria portas repentinamente pra pegar o mundo de surpresa, queria saber se o mundo acontecia, mesmo quando eu não estava olhando, fala a verdade: “Quem nunca fez isso quando era criança?

Hoje, lendo Capra, entendo que quando a gente vê um copo com vinho dentro de uma tigela transparente, sabemos por inferência que o vinho está dentro da tigela porque está dentro do copo que está dentro da tigela, o vinho pode não estar dentro da tigela pra alguém que vê de outro jeito, as coisas não são o que são de um jeito absoluto, independente do jeito que a gente vê e que a gente é.